

Pragmáticos ou ideológicos?

Pré-candidatos ao governo do Estado falam ao DC o que pensam sobre as negociações para alianças eleitorais.



Angela Amin
(PP)



Eduardo Pinho Moreira
(PMDB)



Ideli Salvatti
(PT)



Leonel Pavan
(PSDB)



Raimundo Colombo
(DEM)

1 O SENHOR (A) NÃO VÊ PROBLEMA EM, EVENTUALMENTE, NEGOCIAR COM PARTIDOS HISTORICAMENTE TÃO DIFERENTES DA SUA TRAJETÓRIA?

Uma das características do regime democrático é o diálogo, a negociação no bom sentido da palavra. Partidos, mesmo diferentes, podem ter objetivos comuns. Por isso, nessa fase que precede a campanha, é saudável e desejável um amplo diálogo.

A legislação eleitoral brasileira, com um número tão grande de partidos, obriga a negociação política, que não deve ser descartada, desde que preservados os critérios de interesse público, transparência e informação à sociedade.

Nosso diálogo obedece a um critério de coerência, que é conversar com os partidos da base de apoio do governo Lula. Juntos, construímos esse novo Brasil que se desenvolve com justiça social. Isso tem tudo a ver com minha história.

O PSDB tem sempre como prioridade a negociação e o entendimento político com aqueles partidos que tenham compromissos semelhantes ao nosso ideal da social democracia e aos instrumentos e medidas para viabilizar este tipo de gestão.

A palavra não é negócio, precisamos falar de programas, propostas que possam melhorar a vida das pessoas de verdade. Alianças, sim, mas não a qualquer preço.

2 COM QUEM O SENHOR (A) NÃO FARIA ALIANÇA EM HIPÓTESE ALGUMA E POR QUÊ?

Nessa fase pré-campanha, estamos abertos a conversações político-partidárias. Desde que tenhamos objetivos comuns.

A coerência é uma das condicionantes no exercício da vida pública. Em nível estadual, seria difícil de entender o PMDB negociando politicamente com o PP.

Com o DEM e o PSDB, pois são os partidos que querem a volta do governo da estagnação econômica, da falta de soberania e da concentração de renda.

Qualquer aliança leva em conta não somente os interesses partidários e ideológicos, mas a viabilidade de gestão em prol da sociedade. No momento, o PT seria o partido mais distante.

As alianças devem guardar coerência, o apoio ao Serra para presidente da República é um dos pré-requisitos. Por isso, não faremos aliança com o PT.

3 SE A NEGOCIAÇÃO É VÁLIDA COM TODOS OS PARTIDOS, ISSO SIGNIFICA QUE TODOS OS PARTIDOS SÃO IGUAIS OU QUE O DESEJO DE VITÓRIA É MAIOR DO QUE QUALQUER PRINCÍPIO PARTIDÁRIO?

Os partidos não são iguais. Cada um defende seus princípios programáticos. O que se busca, nesta fase de conversas, é, além da soma de forças, a futura governabilidade.

O PMDB de Santa Catarina, em seus 44 anos de história, demonstra ser diferente da maioria dos outros partidos, pois mantém os princípios que nortearam as ações idealizadas há mais de quatro décadas. Inclusive admitindo divergência de ideias, mas sempre se submetendo às decisões da maioria.

Há diferenças grandes de projetos. O desejo de vitória é para trazer para Santa Catarina a experiência de um projeto nacional vitorioso. Se, com tantas dificuldades e desigualdades, o Brasil melhorou muito, imagine esse modelo em um Estado como o nosso.

Como frisei antes, os partidos hoje são mais iguais e menos ideológicos do que no passado, porque a sociedade mudou e a prioridade é a gestão, o plano de governo mais adequado para a sociedade e para o futuro. Isso não quer dizer, entretanto, que os princípios e os compromissos partidários devem ser deixados de lado. Ao contrário, compromissos com a sociedade devem ser prioridade. Então, não é o desejo de vitória que é maior.

Eu quero ser o candidato das pessoas, das que têm e das que não têm partido. A união de todos é uma premissa básica para um bom governo, sem rancores e ressentimentos.

4 O SENHOR (A) ACHA QUE EXISTEM MUITOS PARTIDOS NO BRASIL?

Sim. É assunto que pode ser abordado numa possível reforma partidária.

Sim, bem acima do razoável.

A saída do bipartidarismo da ditadura para o pluralismo da democracia levou ao crescimento. Se são muitos ou não, a sociedade ajuda a definir através da força que garante a cada um.

Sim, apesar das fusões e das incorporações dos últimos anos, a quantidade de partidos ainda é grande, principalmente os pequenos, e confunde o eleitor. Uma reforma seria necessária.

Sim, acho. Defendo a cláusula de barreira para impedir as siglas de aluguel.

5 A QUANTIDADE DE NEGOCIAÇÕES ENTRE OS PARTIDOS CONFUNDE O ELEITOR ?

Não creio. O eleitor acompanha o processo de forma diferente. Ele é, sobretudo, um torcedor no sentido de que seu candidato preferido seja vencedor.

Confunde, se não houver transparência e não forem levados ao conhecimento da população os compromissos assumidos.

De fato, a quantidade de idas e voltas em muitos casos é incompreensível para todos. Ainda mais se não houver transparência. O eleitor quer saber as propostas.

A negociação é da democracia e praticada nos prazos da lei. O que pode confundir é o excesso de partidos, muitos desconhecidos, gerando suspeitas de negociações paralelas.

Claro. Precisamos ser coerentes e não abrir mão de princípios.

6 O QUE O SENHOR ACHA QUE PODE SER FEITO PARA TORNAR MAIS SIMPLES ESSE PROCESSO DE DEFINIÇÃO DE CANDIDATURAS?

Esse é o processo normal, tanto no Brasil como em outros países onde o regime político é democrático.

Apenas a proibição de coligações, reduzindo o número de partidos e determinando que cada partido lance o seu candidato no primeiro turno, defendendo as suas ideias e propostas.

Quanto mais definidos os projetos partidários, melhor. No PT, por exemplo, a unidade no partido resultou numa escolha mais tranquila e rápida. Como resultado, começamos a trabalhar com antecedência o programa de governo.

Como disse, respeitando prazos e regras, a democracia deve ser praticada e as negociações devem ser amplas. Não se pode restringir o debate democrático. Não é um produto pronto. Seria ditadura. Importante é que se negocie em torno de bons projetos.

Tem que mudar a lei eleitoral antes de tudo.

7 O SENHOR (A) ACHA QUE COISAS COMO TEMPO DE TV E PALANQUE SE TORNARAM MUITO MAIS IMPORTANTES DO QUE A IDEOLOGIA NA HORA DE ESCOLHER UM PARTIDO PARA CONVERSAR?

Tempo de TV e palanque são fatores importantes numa campanha. A busca de parceiros, contudo, não deve pressupor que se deva abrir mão de princípios programáticos do partido e de propostas centrais do futuro governo.

Acho que a reforma política é inadiável para o país. As coligações nos municípios catarinenses são as mais variadas possíveis, de todos os matizes ideológicos imagináveis e inimagináveis, tornando a própria ideologia secundária no processo.

Da nossa parte, a identidade entre os projetos políticos e entre as propostas para Santa Catarina estão em primeiro lugar.

O tempo na TV é uma realidade dos tempos modernos. Dados indicam que mais de 80% dos brasileiros têm a TV como o principal veículo de informação e de formação de opinião. Então, está tudo relacionado. Bons projetos, debates e a forma de fazer isso chegar ao cidadão devem ser levados em conta em qualquer negociação partidária.

Não, é claro que não. A coerência, as afinidades, a nossa forma de pensar e agir no governo estão acima de tudo.

8 HÁ DIFERENÇA ENTRE OS PARTIDOS HOJE? SE SIM, QUAIS?

Diferenças existem. Essas estão inseridas nos estatutos de cada partido político.

Há diferenças. Dentro do PMDB preservamos a democracia, em que a ausência de um ou dois comandantes únicos, permite que a militância partidária opine, determinando o caminho a ser seguido. Esse ponto forte diferencia o PMDB dos outros partidos.

As principais diferenças entre os projetos são visíveis na questão nacional. Tivemos o segundo maior crescimento do mundo neste trimestre. Trinta milhões saíram da pobreza. Resultado de oito anos diferentes dos oito anteriores.

Acredito que são pequenas as diferenças de cunho ideológico e grandes as semelhanças em torno de projetos para a sociedade. No caso do PSDB, nos destacamos pelo ideal da social democracia, um grande diferencial já colocado em prática com sucesso para a modernização e o desenvolvimento do país.

Sim, há. Nosso partido tem procurado ser uma base intelectual da sociedade. Também tem aberto aos jovens. Nossos líderes, deputados e prefeitos são muito jovens. Os partidos, em sua maioria, estão de costas ao dia-a-dia das pessoas e estamos construindo uma participação comunitária intensa.

9 O SENHOR ACHA QUE OS CONCEITOS DE ESQUERDA, CENTRO E DIREITA AINDA VALEM OU ESTÃO ULTRAPASSADOS?

Os conceitos existem. Mas a necessidade de compor com vistas a governabilidade tem superado eventuais diferenças.

As raízes de cada partido ainda norteiam os caminhos a serem seguidos. Mas o importante é ter compromisso com a ética, transparência, boa aplicação de recursos públicos e diminuir as desigualdades.

Os conceitos mudam. O PT é fruto de uma mudança de conceitos na esquerda. Bandeiras da esquerda, como a justiça social e defesa do meio ambiente, avançaram em outros setores. As diferenças, contudo, existem. O Brasil da aliança entre direita e centro estagnou. O Brasil da aliança esquerda e centro progrediu.

Num passado recente, ninguém acreditaria que PP e PT, ou vice-versa, estivessem alinhados, negociando ou governando juntos. Hoje, o que vale é a boa prática da gestão pública com resultados para a sociedade. Senão, não teria como explicar isso ao eleitor. É preciso fazer do discurso a prática.

Estão ultrapassadas. As diferenças hoje não são ideológicas. São de prática, de conduta e de prioridades.

10 O SENHOR ACHA QUE O ELEITOR VÊ COM INDIFERENÇA OU REJEITA POLÍTICOS QUE MUDAM MUITO DE PARTIDO?

Estou no mesmo partido há 33 anos, não tenho experiência para responder se existe ou não rejeição.

Percebo que não é bem recebido pela sociedade, pois o político não precisa mudar de partido para defender suas ideias.

A rejeição acontece quando a mudança é causada por fisiologismo. Quando há coerência, creio que haverá também compreensão. Felizmente, estou no PT desde sempre!

Toda mudança deve estar baseada em princípios e compromissos com o eleitor. Se não há espaço num partido para praticar bons projetos, então há tolerância. Mas, quando há exagero no número de mudanças, é claro que o eleitor está atento porque pode transparecer individualismo ao invés do compromisso.

Tem tratado com indiferença. Com a lei de fidelidade partidária, diminuiu muito o troca-troca e isso está sendo bom.